



Autofonia





Alexandre Pilati

Autofonia

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Eloisa Nascimento S. Pilati

DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P637A PILATI, ALEXANDRE. 1976 -
AUTOFONIA / ALEXANDRE PILATI. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

86 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-268-2

1. POESIA I. TÍTULO

CDD.: B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

*O voi ch'avete li 'ntelletti sani
mirate la dottrina che s'asconde
sotto 'l velame de li versi strani.*

Dante Alighieri



Sumário

Revide.....	11
Lâmina-só.....	13
Um carnaval em crise.....	14
Lúcida (Elegia 2016).....	17
Estatueta.....	19
Luz do chão.....	20
Noturno de Maria.....	22
Lukács.....	24
Golpe de dados.....	26
Contemporâneo.....	27
Fotografia de família.....	29
Estação estrangeira.....	30
Utopia.....	32
Dicotomia.....	34
Erros.....	35
Avelhantado.....	36
Amor.....	38
Brasília, setembro, 2016.....	42
A lei e a ordem.....	44

Broadcast yourself.....	45
Boca da noite.....	46
Porto seguro contra um futuro incerto.....	48
Meu velho.....	50
Efeito.....	52
Selfie.....	54
A flor e a crise.....	56
Rastros.....	58
No meio do caminho.....	59
Verso.....	62
Road poem.....	64
Ralhete.....	66
Poema no espelho.....	68
Lágrima de Batávia.....	70
Garça.....	72
No jardim das musas.....	74
Revolução.....	76
Cantiga d'além mar.....	78
Desejo de setembro.....	80
Lenda brasileira.....	81
1917.....	82
Rosa popular.....	84





Revide

demorei, querida,
uma demora com cupins

aquela de dentro dos pulmões,
aquela da cava das raízes dos cabelos

quase nada, querida, me espertaria
porque sonho, porque mantos de dores...

(e eu que não queria levantar
e eu que muito findei em meus silêncios)

mas do centro da casa
um móvel arrastou-se?

(crimes ao longe floriram
pássaros vararam os vidros)

e pareceu-me ouvir tua voz:
colo meu de quenturas

de mãe chamando, de xamã
dançando, de oxum, de oxóssi

demorei, querida, a demora
alerta, feiticeira, das vírgulas

a letárgica lanterna no
escuro, a infecunda centelha

é que demorei só, menino
triste na selva sem dicionários

buscando-te, querida,
dentro de mim e fora

do tempo, fora da palavra,
dentro enfim contigo, querida,

agora volto cabal e acordo-me
como quem discorda da morte.

Lâmina-só

- Um poema?
- Feito a fé de Kafka...
- A fé de Kafka?
- Sim. “uma guilhotina, tão pesada, tão leve.”
- ...
- E pronto para fazer desabar num átimo os mais sólidos pontos
[de vista.

Um carnaval em crise

A manhã sem alquimia, sem entretons mal nasce
e já breu outra vez.

O sol negro da alegria impele-nos ao delírio
e crava um novo carnaval:

em nossa cruz, em nossa crise.

A bossa estéril do sistema financeiro internacional
faz também a gente triste sorrir e rebolar para rebater
a diuturna razão sombria de juros, os requebros de desemprego

e de improdutividade massacrada.

Nossa alma desdentada desdenha do fim do mundo
do sistema que trina em agonia entre uma e outra queda
do dólar, do índice Nasdaq, das bolsas da China –

simples síncope / tristes trópicos.

Daremos chilikues e morreremos de desesperado prazer,
celebraremos a depressão e os barbitúricos, mal do século,
mal do *self*...e a tirania de fascistas imprevistos rola no gélido asfalto.

E beijaremos, que dançar sem beijar não tem graça, no
[meio deste bacanal!

Homens de bem e de gravata, cara botulínica, cabelos falsos
enfiarão no bolso dos viventes do porão um tufo de tudo que
[perderemos;
que perderemos sem jamais ter ganho, cães que somos, sem penas
[e desejo.

De uma nota só samba: “e voltei pra minha nota”.

Segue o baile. Segue o baile banhado em máscaras.
Capital puro, *art pour l'art* – *Al carajo, pendejos!*
Nosso enredo de afogados quem, entre álcoois, ouviria?

E eu? um ET à toa, todavia a vida toda:

Vou ao porre bíblico, ao porre voltarei.
Vou cantar por toda vida: contra os *business men*.
Vou contar com o cordão dos derrotados.

Vou dançar contra os homens brancos da velha família.

Vou contar com o cordão dos derrotados.

Vou dançar com os negros contra Wall Street.

Vou contar com o cordão dos derrotados.

Dançaremos, dançaremos e dançaremos.

Até que o sol se encante, es quente e resolva

por vida novamente neste frio corpo chamado planeta,

que tanto cheira às etéreas notas do dinheiro.

Lúcida (Elegia 2016)

esta tarde de cinzas, tarde
tardia, bem que podia logo acabar; tarde
de pura mercadoria, de espera líquida
pelos demônios, bem que podia acabar...
e não haveria nem festa nem dor:
paulatinamente as cores seriam de outros.
bem que podia esta tarde espessa levar-nos à noite logo,
à noite do logos, ao puro silêncio, à intensidade
da mudança fibrosa que nos espera depois deste lago
de pez que é a tarde: a tarde seca, sem água, deserta.
a tarde da espera de pura mercadoria. regaço de aço.
a tarde de pez impregnada de nada: sem furos, sem jeito: a tarde
bem que podia tocar uma campainha, poderia a noite tomá-la
de assalto e nos levar pra dentro da lua da noite, tamanha noite...
tão noite e sem alarde que nela reside a luz humana:
liberta, feita do mais puro dia, da mais agressiva lucidez,
nos antípodas desta tarde tardia, feita
de um ar livre do peso deste capitalismo tardio.
não estou triste, querida. esta calma lúcida
é uma forma de euforia: embora os músculos do riso

se achem extenuados ou, tão longemente de meu rosto,
desaprenderam os caminhos de dizer o que respira em mim.
há partes de nós em que a alegria é um grito de desespero:
solto, sem sílabas, mas vivo no horizonte da tarde que se parte,
como um osso que se quebra e assim atesta que estamos
os dois (e tantos outros milhões) dentro da mesma espécie
e a um passo de outra tarde em que nossos gestos
espalhem, pelo tempo recuperado, as sombras
do que somos, do que são de verdade nossos atos.

Estatueta

Não é que as palavras ainda creiam em metáforas
em devir em tempo em onto ou anto logia.
O que parece é que o espelho as achaca
e elas sabem a dor assim que deixam a boca.

A face velha no espelho a talante mostra-se
feito um chão de África: uma crosta de eras
imemoriais – cada anunciada ruga faz-se rastro
do milenar chão de negros meus irmãos.

As palavras dizem que ele (aquele ali) é outro.
Hoje as ilusões andam em frágeis muletas, membros carcomidos.
Há talvez tambores dentro e o coração – tudo só grasnares.
Não é que as palavras creiam em canções, elas se batem no ar.

E estar um pouco vivo entre as coisas, frente ao tempo,
ver sentir provar falar “a carne envelhece” lucidamente
é quase real demais para quem escuta sem cessar
dentro de si mesmo os barulhos de bronze do capital.

Luz do chão

ao poema que pede
tuas pernas só pra quebrar
 e tuas inefáveis penas
 idiossincráticas

dá a indecorosa intercorrência
da escassez mundial
 de cores

dá o que falta ao poema
 consistência de matéria de coisa chã
 ou de vento ar: que é a coisa mais concreta e mais azul

lembra-te, poeta:
contra as certezas aéreas do poema se ergue a espinha
 de sísifo
 da diarista
 que brande derrota dia após dia pela porta
 dos fundos

ao poema extremo e mínimo
repórter do *desvão bolorento do privado*
coração elíptico dos modernos comendadores
dá então aqueles
roteiros roteiros roteiros
e a bulha infernal da estação
às fatigadas horas de sol
e a afásica carne de engrenagens
de ferruginosa luz do capital

dá a opressão sempre literal
sempre feita
de tétano e cortante lata
contra o poema empalhado

ouve, então, (o poema ouve, não duvides!) alguém
ouve a meio da rua ou dentro do corpo:
“vai lá, mata ele, mata bem, mata todo, lincha bem.”

Noturno de Maria

onde a alma tua canta
há carinho e abrigo teus
nalgum canto da treva de mim;

ali onde te rejeito
onde meu jeito de ser
toca tuas pétalas;

ali onde tudo se abre em
onde o oco
o ocaso nos oprime em
música e dor;

ali onde a noite atua
é tua minha vida morta
é minha tua perdida
voz retomada;

bem ali, onde tudo turva-se
noturnos mares onde és

eu sou silêncio e te falo
feito inquebrável menino:
feito cálice de amor.

Lukács

Através da cidade que atravesso,
o sortimento que se tornou verso
se me aparece como sol vento flora gente e bichos.

Através da cidade atravessam-me,
em mudo assediar, encantadas triviais coisas
ainda sem dono, mas devotas a deuses
com grifes de nervos e músculos biônicos.

Nos ossos aprendi a língua demoníaca da vitrines:
na escola de carne dos beijos
na escola de sangue das dores.

Não paro de caminhar e apalpo uma frase: “o essencial é viver”.

Violino de morte, vida frustra, alienada,
Chegará o (suspense) dia de tua reinvenção!
– E, todavia, será pedestre, mas de um modo tão insuportável! –

Teu coração de companheiro estoicamente resiste
escava o século e cai no solo (ainda no sonho) transformando-se
[em erva
que daninha delicadamente nega e afirma
meu olhar para o mundo através de tua cerebral paixão.

Um ritmo de fortes bemóis, tua pele de homem
uma força líquida adaptável e a resistência do humano
respirar entre fumaças – um tecido do devir tocar intenso:
como é difícil dizer, meus caros: “a noite desenredar-se-á!”
Lá estarão no futuro os homens a te encontrar e a te acolher;
não no cérebro mas nos ombros o sei.

Como estão aqui os homens ao meu lado
e assim também em ti intimamente, sem mesmo saber,
amando-te como quem ama (e apenas ama)
as manhãs azuis que superam as tormentas...

Golpe de dados

A noite é leve
a noite é púbere
a noite (e seu tempo)
breve de ar
flutua
até
que o destino (ou o diabo)
lança de longe peras, caroços de pêssago,
nódulos de dor e perigo e pedras no seu peito
macio de noite, de feminil areia, de princesa negra;
glóbulos de peso de planeta, de massa de relâmpago.

Rasga-nos, então, suja e incendiária
pelas costas (mas necessária, material),
outra face da vida, em lâmina velha,
cega e branca,
enquanto buscávamos,
na lua, nas estrelas, na luz, no breu,
cheirar os cabelos da felicidade.

Contemporâneo

O menino sem refúgio deitado na areia da derrota
que chora todas as noites dentro de ti

O par de têmporas que não presta mais para pensar
nem sentir nem ouvir

O bípede que passa imitando um quadrúpede rumo
a uma selva de pixels

O pé que se incha que se enche que não mais
enxerga os caminhos

O estranho das gotas daquele velho telhado que não
param de cair feito a Terra

O périplo de todos os bons dias de trabalho que
mata que mata que mata

O cansaço das costas desalinhadas que desarrumam
o amanhã

O viaduto belo belo que liga o beco àquele outro
beco (gradeado)

O gozo real cada vez mais difícil e iníquo que se
repete sem cores de arco-íris

O inquisidor da esquina que te beija e te passa a
mão no pênis no ânus no sonho

O químico demiurgo que desconta teus líquidos
secrets da conta da morte
O crápula que te ensinou a castidade a qualquer
preço desde que dizimo
O tronco que se retorce quando passas para ver a
tua derrota estampada no jornal
O menino antigo que brincava o mundo
desordenadamente e com menos medo
O pobre simpático que te chama da calçada para
um novo combate entre as classes
O termo que está noutro lugar e deveria estar
naquele verso não escrito
O avesso dos compromissos numa fuga que
Beethoven não soube escrever
O escravo que grita de dor nas noites mais escuras
da globalização
O carro abandonado em frente à tua porta onde
nascem rosas absurdas
O guarda-chuva do abuso que se fecha numa
primavera modorrenta
O pileque em família para esquecer a hipocrisia que
moços brancos vomitam na mesa
O último grão de terra sobre um corpo morto na
praia que ainda tenta sorrir menino.

Fotografia de família

Se quisermos, é descer à escuridão.

À mesa, diante de retratos,
algo denso, imenso peso,
a contundir a carne fantasma da esperança.

Vir dali pra cá do tempo,
boeing elefante e asteriscos de fogo,
o movimento entre o vime: violência.
Estourar da moldura. Evaporar de amor.

Apavoro.

Para onde fomos, retrato, após?
E que é destes mortos de tinta, que gravitam bêbados
o sol turvo da inconsciência?

Estação estrangeira

estéril primavera
malgrado o verde
as pequenas unhas da relva
refratam qualquer amor ou cortês gesto.

desconforto nos acossa
e tranquilo vige o preço
de paz dos produtos
– nas vitrinas e nas veias.

nas flores, no corpo, fica
o não-dito; no chão, no copo
fica o não-dito; no veneno fica, ficamos.

– é trivial pedras carregar nas algibeiras?
– e o é perguntar?

que azul é esse que apela esperança
ao apenas sorrir do alto
de um céu pequenino?

homens se abraçam, se beijam e mentem-se.

derrotas vão pelo ralo, e bandeiras.

o verbo na boca boceja sonâmbulo:

boi que rumina tecla e tela.

volto meus olhos estrangeiros para trás:

por eles escuto uma lira pendurada na palmeira;

muda, ela toca – a lira suspensa toca – um resíduo,

ao tempo em que algumas crianças dançam o passado

num desgovernado cata-vento de puro espanto.

Utopia

Será quando o indiferente

ocaso

com pés corroídos

atravessar a avenida

como um gigante maxilar que sangra a antiga história

velha macabra desenxabida velhaca

e nada identificares no chão do distrito federal

a não ser uma feia esfacelada flor

um fio vermelho a escorrer e ligar

as cinzas a teus pés: opaca rútila

esperança exaurida de anos de lida.

Então, as janelas serão ecos

ângulos vazios de gente

as ruas serão definidas pelos passos e seus sons.

Então, anacrônicos afazeres, tornarão rubra
tua pele (e a de cada um);
tua pele que te cochichará:
“agora também sou dos outros...”

Dicotomia

O corpo:

cápsula de angústia
em que o tempo ganha
forma.

A alma:

válvula de escape
em que o tempo foge
da forma.

E eu lá no meio, sem dialética, sem saber que diga ou faça!

Joelhos e sonhos no milho da dicotomia.

Corpo de castigo, dividido; alma fechada, a céu aberto.

Erros

O pecado é uma conquista
Você só fez o que todos desejam fazer
A violência em estado puro
É um amor que dura toda a vida

Estamos contra o tempo e contra a sociedade
Os mesmos instintos o mesmo desespero
Mas agora revelados

Lembre-se de que estamos sempre projetando o futuro
A esquerda chegou a ser o máximo valor da burguesia
O corpo antes de tudo
O corpo e seus barulhos
O corpo como experiência da verdade

– A noite que queríamos não existe mais lá em cima
Ela é um grande lençol onde se deita a realidade

Avelhantado

Sou um homem arrasado.

Doença? Não. Gozo de perfeita saúde.

Graciliano Ramos. *São Bernardo*

a cansada vista
cavuca custosa o ar
atrás da antiga fúria
que quis
que rompeu
muitas vaginas e que lhe
pré-existia de séculos

sombras voam parcas
com asas pesadas de piche
e a antegozada noite
por demora e fracasso perdeu o trem
os músculos desfibrados sentem
dores inusitadas e crostas crescem em
câmara lenta – sou eu mesmo este lobisomem?

tudo está mais difícil
está mais
mais morto
mais vivo
mais sem amor
e mais pleno de sentido

Amor

Já não sou. Como na morte,
minha pele é tempo.
Membro vivo, meu corpo breve
é inchaço de eras. Rijo, mármore, desejo.
Evolos as perdas num império de pedras!
Morro com meu presente.
Sou outro: sou milhões de esmagados
gritos sob colunas divinas.
Aqui me perdi do nome
e fulguro este braço etrusco fraturado,
estendido sobre um Tevere de sedas.

De raspão, o futuro se parte em céu,
em certo azul digno,
do Trastevere ao Testaccio,
no riso banguela do cigano albanês
ou romeno ou sérvio ou brasileiro. Crianças sujas,
com frio e sem sonho, derivam o refúgio,
diante de ausente terracota.

O homem pequeno de Bangladesh
não entende o que significa Evoé.

O velho e vário globo frustrado
do dinheiro rola a Via del Corso:
padres e pobres e vulgares burgueses, estrangeiros de si, numa só
massa fétida: pústula
pública do Capital.
As oferendas a deuses falsos perpetuam-se.

Mas o curso da vida angula-se.
As costas espreitam chicotes.
Cães dormem à espera de uma agressão. Ou são homens?
Fantasmas penetram cada verde orifício, cada osso do Coliseu.
Ou são homens?
Prepara-se o milénar, civilizado alçapão:
Roma é negra, como o sexo.
Roma é perigo de flores, como o amor.
Roma, num carrossel de litánias de África!
Roma: Pier Paolo e massacres.

A fortuna consome os audazes.

Tudo treme de gostos.
Há sons que brotam do chão;
são cantos de quem: perdeu
morreu, partiu-se, vendeu,
perdeu-se, matou e vendeu-se...
Ir, vir, ver, vencer, vender!
cidade-gramática de apenas verbo.
Quantos ainda virão a cair
nesta imensa boca de loba?

Sabem os escravos:
não há sentido em nada
tão belo. A ferro e fogo,
a pau e pedra forjaram-na
no sempre os desvalidos.
Grãos ou gotas,
a vida nos esquecerá.
Mas não a Roma, indissipável!
E assim a nós, cicatrizes,
pelo avesso.

Em mil anos, confusos, sem nomes,
meus filhos, escravos ou não,
dirão este palíndromo em riso ou em medo

desgraça e glória do mais perfeito,
mais que humano querer,
tela desesperada.

Algo fala dentro do meu corpo:

– Que rei rangeu tanta raiva em Roma?

Brasília, setembro, 2016

o abraço de sépia de certas manhãs
e setembro conduz as entrequadras
de baixo do eixo de baixo para o fim
profundo dos anos setenta, ipês incluídos.

o repouso forçado de companheiros e sonhos
e, naquele amarelo sem saída, há pedras;
naquelas flores de crepom, há segredos; como bois
raquíticos, árvores secas ruminam firmes e alheias.

e como é fraca a natureza desses pardais desesperados.
acordes ínfimos, sem força de hino, poema ou perdão.
entre o candango e o brasiliense abre-se um solo de infertilidade.
aprendemos a ser crosta grossa de árvore queimada. e reflorir?

amada pátria!, onde o tempo ferve, gorjeia, flerta e fica.
o morno não passar das horas enquanto
a vida passa, feito na música de ednardo.
“arrepere não”: tudo parece com morrer, com não ter crescido,
[com ter secado.

o tempo voltou ou o país está de pés descalços? a vida perdeu a razão e o passado é um “pois não”? os olhos carecem de vento para ver. sem ele, os olhos são velhos móveis diante do horizonte cerrado pelos anos que retornam: o abraço de açame em nossa boca.

A lei e a ordem

“Pense.

Pondere.

Considere.

O que eu quero que você entenda é que

Se for pra pegar um cara desses

É pra matar. Se matar, você só responde processo.

Agora se ficar aleijado, você tem que morrer
numa indenização pro resto da vida.

Além do processo. Além do tri-bu-nal.

Porque onde tem brechas na Lei: é aí que esses espertos se

[aproveitam.”

Broadcast yourself

à confortável distância do ordenador pessoal (tão íntima e simplesmente amiga dos olhos e distante dos braços) crias para ti mesma uma estátua de sal aparente plácida cintilação de cuja boca aberta emanam osgas e vogais em tédio enganosa crista marcial consciência corrosiva e estrídula corporeidade virtual, essencialmente abstrusa na tua alvura de princesa, na delicadeza dos contornos, na luz divina que espoca o que cultivaste como obediência se recalca, aninha-se pacientemente em concordância no osso da eloquência e nas estranhas formas que se libertam a custo do orifício o que nunca desejaste aceitar, a rebeldia que demoniacamente cultivas com profunda estimação e anarquia mônada forjada para viver o mundo de mônadas que só assim aceitas e que só assim te aceita e eis que te tens ali, acatada, plena e rejeitada, santa e ultrajada extinta (como um antiquíssimo planeta) e tristemente disponível (como rameira pedestre) no espelho da tela que só, sozinho, conhece quem és e quem desejaste ser tudo feito a fios de ouro, a ferro, a fogo, a sangue e lágrimas no tranquilo desespero da luta desperta contra todos os gêneros da libitina.

Boca da noite

a fisionomia de uma flor infinita, grave e livre,
se abre e qualifica este átimo apenas como d'antes.

hipnose de cores dispersa o coração laranja
em sua queda diária de sísifo esgotado.

o tempo sofrena e tudo é lento e morno:
os olhos e as línguas chupam a última hora do dia.

a espera é de elástico e buscamos em vão, entre
o congestionamento, um canto galiforme que embale.

os pés largam-se do chão: é a sociedade que faz
planos, se suspende, se espera outra, se retrai;

é lá dentro de nós: a nova noite e seus vapores de sal,
a selvagem sufocar outra trama feita de horas.

a boca da noite alastra-se, buraco negro que antevemos,

é o intuído intestino de estrelas que se estende.
a noite, enfim e então (tecido de atritos ou de solução?),
traz sua regra de morsa: nossa boca morde a cidade na boca.

Porto seguro contra um futuro incerto

O dinheiro nunca dorme

Seu ser sem miolo
Estira os olhos bem abertos
Sobre a carne dos homens
Sobre o espírito das coisas

Nunca dorme o dinheiro

Alerta a sua alma vaga
Poética sem palavras
Escava os cantos do mundo
Com mil membros eretos

O dinheiro nunca dorme

Bate o seu felino coração
Seu léxico de platitudes
Reverbera ódio e fascínio
Seu vampiresco beijo persuade

Nunca dorme o dinheiro

Massa bruta sem sombra

Seus dentes de divino metal

Roem e massacram o tecido da vida

Viram as vísceras das nuvens e do devir

Meu velho

quente embora o ar
arrepio

ao reconhecer
na sombra sentada na moderna
partes de mim
que são tão eu quanto dela

o tempo vem-me, abraça-me música e se abre
em fim

pesos de concreto sorvo
em alguma esquisita dor
o ar que me sustenta zumbe
e a sombra suspira um gesto:

– que fiz, que fizemos,
“que fazer?” –

é a sombra... sem palavras dizendo-me

em surdo bulício algo
ou é já meu corpo
com barulhos de tempo?

quem serei
quando o presente se for
e o futuro for apenas o um jeito paterno
a rastejar
entre meus desejos
meus dentes
meus sonhos
meus ligamentos
entre os balanços
da minha voz?

Efeito

homem comum

composto de rastros, surtos, traças e paina
espelhado no asfalto, quadro de cotidiana
agonia e faina, o só destino da matéria civil:
não sabe dançar, não sabe carpir, nem ser Charles Chaplin
– é pedestre e balança sonhos, graças e taras
vida em crepúsculo e desejo no coletivo.

ao trocar olhares com o vira-lata esquivo
que se deita nobre sobre as pedras sujas de uma esquina pânica,
enxerga-se dentro de si, enerva a força de fome
intensa em dentes que, sem sorriso na agenda,
podem fazer ferir, sangrar, sorrir, cantar de dor
como quando de uma febre gotas de vida caem
e fecundam a modorra gasta com ritmos de novo
sol e de calor, piedade, medo, vontade.

efeito:

a insistência

causal contra a ignomínia

a intermitência

casual da morte.

Selfie

A maré de multidão que me vem
ao encontro. Publicidade. Vejo com nojo
a miríade de *t-shirts* a brandir ditos
de vitória, exortações anódinas, anciãos do rock.

Besta ferida, ouço, anseia a cidade.
Meu corpo de hidróxido de ferro,
minha alma de cera, meu cérebro surdo
tudo repugnam e nada perguntam.

Inconteste, a Máquina catalisa
precisos procedimentos; age
cirurgicamente no buraco negro
das culpadas carnes pequeno-burguesas.

Pouco a fazer aos quarenta além
de condenar o glúten, o aborto,
o Partido dos Trabalhadores, o ateísmo, o fanatismo
islâmico e, pasmem!, o sexo fora do casamento.

O entardecer mármore púrpura
do Lago Paranoá é incapaz de excretar
segredos e explicações. O vento
seco calcina cada flor e todo esgravatar.

Faço a cinzel o sorriso e ando. O chão
movediço e vaginal acolhe minha ilusão.
Deixo-me sorver entre um *tweet* e o tédio.
Jogo-me fora. Exulto. Arrio. Sinto a angina.

Decreto assim até a próxima esquina
da cidade sem esquina adiado o veredito
final. Capítulo. “Gozar a gorada
vitória de outra triste *selfie*?”

A flor e a crise

o vestido verde o melhor
já não é tão bom assim

o hábito de esconder-se
assimilado pelos calçados
também exauridos de não

os currículos anseiam a liberdade
do lixo ou da fogueira ou do desdém

o corpo de fêmea é qualquer coisa leve
oscila sombra entre automóveis
portas e mais portas não se importam

ser dócil e duro entregue à duradoura
busca que é busca e mais busca

há um pensar de pura carne e
ao meio dia ninguém chamaria
esta fome de existencialismo

morangos, poemas e açúcares mofaram
numa boca que arfa e não se diverte

mas atravessa vermelha e brava
a cidade que anoiteceu sem luar
sem estrelas em desatino mercadoria

Rastros

Se morro agora por besteira,
este poema que vai fervente
dentro de mim, como um vírus,
morre também sem nascer.

Mas quem tomar nas mãos o frio
corpo que nada além de peso emana
verá riscar o chão o fio, o visco,
de veneno que inventava minhas manhãs.

No meio do caminho

That monster, custom, who all sense doth eat

Hamlet

minha cidade, encaro outra vez em delírio,
louco e velho príncipe, tua carranca; para ti arrasto
estes quarenta anos e tento encantar-te debalde.

balbucio em tuas tesourinhas um protesto errado
ou o nome *mãe*. (minha mãe bonita morreu triste
entre teus corredores de engolir estrelas e passarinhos).

minha cidade, envelheci e vejo tuas curvas rijas
que já não são de utopia, que são agora as curvas
de um boxer que duro canta uma ária de Turandot.

eu sangro enquanto choras asfalto, cal e carros
e te desejo monumental, tortamente Diadorim –
macho na chuva, fêmea nas manhãs: ninguém durma!

estou velho no sertão, na maloca, estou velho
na rosácea estéril da pequena burguesia, num circo
cheio de pústulas e dívidas, de nódulos e de relatórios.

pouca luz vem, minha cidade, de teus entardeceres,
e apalpo-me às dezenove horas de Brasília: reconheço
rugas; não tenho mais a mesma idade de David Beckham.

te aceito como um pederasta, te aceito como um comunista,
te aceito como Charles Chaplin, te aceito como uma super
bactéria, como um surto, um golpe de cotovelo: te aceito.

nas feiras de falsidades, vendi as quinquilharias de
meus sonhos, entreguei os vinténs dos meus sorrisos e
o dinheiro comeu aquele cavalo que me levava de ti através.

encaixei-me em teus eixos, caixeiro incurioso que sou;
de lasso papel que sou, aceito o verão que oprime,
anseio a seca que sempre derroga as águas do Paranoá.

mas ainda há algumas garças e trabalhos de Oscar, ainda
há a paixão de Lúcio no crucifixo; mas ainda há
um chope com Chico e Nicola à espera no Beirute.

então, não te mando embora pois sei mais de mim
sei amar mais, sei beijar melhor, sei melhor
reconhecer os companheiros que ao meu lado brigam.

entre hábitos, fantasmas e demônios, escrevo ainda
nesta vereda cerrada da vida, escrevo-te ainda, minha
cidade, para dar veias de verdade ao meu descontrole;

e te juro: não deixarei o monstro me devorar os sentidos.

Verso

Ficar com aquele
que se perdeu,
solto sopro, luz e líquido,
potro entre os dedos abertos,
onde trêmula vive a idade.

Ficar com aquele que é vão,
é vida pura energia grito
cicatriz no chão exposta vida;
o cântico chinfrim da queda.

Ficar com a plástica suja,
Enérgica, da matéria monetária,
o cheiro quente, úmido, doído,
de coitos luciferinos,
de costas exfrutadas,
de dores negras e atavios.

Dizer o que o ouvido
receita, reclama e rejeita
vindo de dentro do próprio
corpo dos tambores de dentro
do navio negreiro do mundo.

Road poem

Desde o quinto
dos infernos ardente
vem a tarde estender sobre todas as coisas
que desentendemos a sua pele sonâmbula
de chamas daninhas e desajeitos
as suas mucosas parcamente lubrificadas
treinadas em atividades de atrito
à busca de homens intensamente ludibriados.

Desde o quinto
dos infernos ardente
vêm urros de cadelas, música para fazer dançar,
a caminho do trabalho, seres oprimidos pela massa
invisível de calor, por inflamadas coisas e cifras.

É aqui que procuramos espelhos nas etiquetas de preços.
É aqui que nos interpela a última fatura do cartão de crédito.
É aqui que nos abraça o rumor de uma violência que aprendemos
[a desejar.

E ainda mais para dentro: digestões mal-feitas, crimes perfeitos,
perversões inconclusas e perenes – sombras que peregrinam
os condomínios do Brasil do século vinte e um.

No relógio que rege tudo isso parece tarde demais:
estar doente é não saber dizer o nome da doença que nos conduz
pelas estradas que construímos ao avesso para pisarmos o
[acelerador
(como quem compra ou investe em títulos) em estado de perene
[e cálido delírio.

Ralhete

séculos para aprender
e mais infinitas noites sem dormir sofrendo para assumir
 que palavras são feitas de cobre
 que palavras são balas de metralhadora
 que palavras são para rasgar a nuca dos ícones

e agora vem você dizer, amor
 que elas são o máximo
 que elas arrotam certezas mil
 que elas se acham deus (porque o são)
 ídolos de uma alegre psicopatologia

sim, a terra desolada gira contínua em falso
(fosso de falsidades)
como são falsos os *selfies* que você não pode nem quer evitar
como são falsas as formas abjetas, os rijos adjetivos, seus falsos
[desejos
suas etéreas formas fáceis, salvações de ocasião

deixe estar que a raiva de minha raça vencerá
ela será como sempre foi: a troça que destroça,
o amor que vem do ódio, a vida que brota à revelia nas
[ventas do morto.

Poema no espelho

Talvez seja a idade chegando
Hormônios indo ao vento, ressequidas pétalas de tempo, outono.

Ou mesmo o capitalismo com sua mão
Que amassa os peitos com afeto e tortura.

Mas o certo é que esta febre no ar
Põe o devir em desacordo, em nevoeiro.

Entre santos e satãs quedamo-nos
Tediosamente castos e ímpios.

Como a pisada erva que apenas recresce
Frágil, massacrada, sem ganas e sem nojo.

*

Talvez seja a idade chegando
Ou o capitalismo com sua mão de amansar peitos.

Mas o certo é que esta febre no ar
Põe em devir o desacordo, em bruma fétida.

Entre santos e satãs quedamo-nos
Sem ganas e sem nojo – no tédio aristocrático da capital.

Eu queria dizer: “ninguém me obriga a nada”
Mas eu não me obrigo a isso.

E penetra entre gentes desconhecidas meu perfil
Meu desamor pela pasmaceira: viril, incivil, declaração de guerra.

Lágrima de Batávia

Desenhas em teu maciço corpo
de cristal uma cerrada porta de estranha
caligrafia a meio do antebraço esquerdo.

A partir dela sonhas uma fábula sem sentido,
venturosa fuga para um eu interior, perdido
vácuo eletroquímico onde a moral esteja
de antemão sequestrada inconscientemente.

Assim a obtusa forma de tua módica vida,
teu corpo errante de medo desfigurado,
pode finalmente, em estado de selvageria,
jactar-se por sonhar, despido de civilização.

A Lei reduzida a pouco mais que uma cela feliz,
o amor minguado e radical feito uma croa; o sol, uma
cinzenta bolha de crimes perfeitamente aceitáveis.

Não achas palavras para dizer-te, baldada coisa
que és, quando aferrado ao puro instinto: estação
interrompida, muro colorido, gelada primavera.

Olhas apenas para ti, para as feridas
que o civil cerol deixou-te como espólio.
Desejas, não obstante, a noite. A noite
para mergulhar em suicídio circense na tina
de engodos que é o ruir tua própria pele cristalina.

Garça

forma-linha

isenta do caos

eis a garça entre desgraças

alva entre o verde

das garrafas de guaraná

no raso do Lago

Paranoá

estranhada dos eco-problemas

como um poema pós-utópico

ela finca sua magra e bela pobreza

sua magra e bela bandeira

branca de puro mastro

infensa ao futuro, ao presente, ao passado

mas não talvez à História

sua frágil altivez é...

...é o que deu pra arranjar
para corrigir um pouco o curso
e o ranger
da destruição
a que chamamos civilização

No jardim das musas

Sem saber dançar
Sem saber beber
Sem saber beijar
Sem saber foder
Sem saber Rimbaud

Não sai essa coisa de pele
Não sai essa coisa de sangue
Não sai essa coisa de boca
Não sai essa coisa frenética
Não sai essa coisa Rimbaud

Sem dançar, foder, beber, beijar
A pele não entra na boca não viaja
O sangue no sexo sem saber

Sem poesia não fica de pé
Pica nenhuma xota nenhuma chora

Terra crua seca sem vida não dá nada
Não salta saliva não nasce porra nenhuma
Nada ovula nada vai além nada vira jardim

Musa nenhuma engravida
De palavra

Revolução

*Et qui sait si les fleurs nouvelles que je rêve
Trouveront dans ce sol lavé comme une grève
Le mystique aliment qui ferait le vigueur?*
Charles Baudelaire. “L’ennemi”.

No estrídulo arco do presente invisível para nós
que esvazia as veias os copos os sentidos os vasos de flores
(sim, até mesmo as mais belas matérias exaurem-se)
o vácuo acumula-se como nas paisagens o ar.

Entre festas abismos fogos sangue
a pele morena do destino sorri arrepios
e faz raiarem na eletricidade funda do instante
as engrenagens do desejo quase vencidas pela ferrugem.

Poros a custo para o amor preparam-se
(apostam como em tempos de crise se faz na valente *wall*
[street])
debalde a alma cansada

(– pois há tanta mentira e opressão além de nossos
[limites!].

Entretanto não é uma palavra pequena
dilatada conjunção quase louca de dialética.
Entretelas entredentes ela se fixa, intercorrente.
E no horizonte vê-se a prosa pisoteada pela poesia.

Vê-se que o poente se obtura e outra vez
o todo é sol e o todo é chuva
a vida vinga como quem delira
e se atira no bom abismo das velhas barricadas.

Ela quer que tudo se revolva: tudo revolução.
Uma vertical embriaguez tornará irreconhecíveis
algumas partes da tampa da panela do céu
e até mesmo nossas digitais rascunharão flores na história.

Não temeremos a certeza de que será só o começo.

Cantiga d'além mar

Feito séculos atrás,
em Lisboa te achas:
manhã de névoa,
cidade embuçada,
má e cara... qualquer
passar de outra língua
seria um sorriso, fracasso
inaudito do tempo,
letras úmidas no ventilador.

A empedernida Máquina,
escolha a sempre fazer:
entre mar e mato, colonial capítulo.
Imperadores falidos
e nenhuma prata outra
se levanta; de brenhas
pedaços a meio do mundo –
e tu és os seixos a rolar
no centro do velho caminho.

Mas a flor que te move
não te move de ti
e te bale no peito o sino
que é um fado de afagos.
A razão que se afirma
desde o coração conforta:
eis-te inscrita outra
volta na quente, antiga
palavra amiga, saudade.

Desejo de setembro

que assim fosse
outra vez
meu coração:

a mera ameaça
de chuva

 basta
para a grama secretar
sua verde obsessão

Lenda brasileira

Foi quando chegou aquela cartinha do Serviço de
Proteção ao Crédito.

Parecia derrisório, mas era pura derrota.

(Em que longínqua gaveta esquecemos
a revolução industrial,
a revolução sexual,
a revolta política?)

O que ele teve foi uma sanha de invadir estúdios de rádio e de TV.
E degolar com uma faca de cozinha um a um os
aconselhadores financeiros engomadinhos de maviosa voz.

*– Eles que ganham dinheiro
pra dizer que é uma beleza
este mundo de merda
que não tem conserto.*

1917

acolé talvez
no ífimo ângulo
onde a tarde esparge lenta
seus intensos dedos de mênstruo
sobre a crise e o sistema que para explodir se expandem;

talvez só talvez
nos esparsos becos que o lusco-fusco
breve ilumina em breves suspensos minutos
onde prestes se esconderão nódoas e escarros
desprezos vesperais algo dirão com a ima língua
dos esquecidos.

(fetiches negaceiam
encena-se o sempre monstro
– será de volta frustra
promessa a noite macia?)

será então no ão que nos amalgama, no pré-tom
socialista da noite:
sujeito objeto escravo senhor
sujeita-se
o indivíduo a esfacelar-se reagindo a juro e reclames.

então se escreverá um poema em busca
da mimese dos vazios – aquele canto eloquente
do silêncio louco que estrui o nome de quem não sabemos:

“o meu nome é outro minha vida é outra eu sou outro!”

em cada vácuo da terra anciã e cansada
mas cujo ventre esbulhado ainda é capaz
de atra violência: de ânsias, tempestades, revoluções.

Rosa popular

Vida desfeticizada, rubra,
notas de uma sonata ao léu,
em meio à bela hecatombe
de mercadoria, erros e anjos,
recalques, razões e úlceras
que os homens de hoje,
entre delírio e certeza,
chamam de nosso futuro!

Flor querida, íntima e pretérita,
és o sorriso e os dedos mínimos
que me tocavam (criança de medo!)
e que incendeiam agora, no arrepio,
o corpo invisível de fagulhas do presente:
o ar em crise que vai
longe e chega e grava
devagar um mundo convulso em mim.



www.editorapenalux.com.br



alexandre_pilati@yahoo.com.br



[/alexandre.pilati.5](https://www.facebook.com/alexandre.pilati.5)

Composto em Minion Pro e
impresso em Pólen Bold 90g/m²
em São Paulo para Editora Penalux,
em setembro de 2017.